

Psicodinâmica do trabalho e sofrimento na literatura do “poeta proletário”

José Luis Felicio Carvalho

Marina Dias de Faria

Alessandra de Sá Mello da Costa

Sylvia Constant Vergara

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa recorre à arte literária para perscrutar uma das categorias de análise que mais necessitam ser discutidas no campo dos estudos organizacionais: o sofrimento no trabalho (FACCHINETTI, 2009). De acordo com Dejours (2004), o trabalho representa uma forma de relação social que se desdobra em um mundo caracterizado por relações de desigualdade, de poder e



de dominação, no qual o trabalhador engaja sua subjetividade num contexto particular que se mostra hierarquizado, ordenado e coercitivo.

Para Arantes (2011), o sofrimento no trabalho apresenta-se essencialmente associado a características tais como gestos amputados, ações impedidas, medo instituído, vergonha e culpabilização, facetas típicas de um processo estrutural de dominação. Muitas organizações são perigosas para o equilíbrio psíquico do trabalhador, pois atacam e depois reconfiguram o desejo dos sujeitos, provocando doenças mentais e físicas (DEJOURS; DESSORS; DESRIAUX, 1993), as quais se apresentam como formas representativas do sofrimento laboral (BOUVET, 2005; DEJOURS, 1992; JABBOUR, 2011; LALLEMENT *et al.*, 2011; PORCHER, 2003; VÉZINA, 2008).

O sofrimento humano no trabalho é abordado, no presente texto, por intermédio de duas perspectivas teóricas analisadas em complementaridade: a partir das contribuições artísticas legadas pelo escritor germano-americano Charles Bukowski e, concomitantemente, sob a ótica da disciplina científica da psicodinâmica do trabalho (PDT), desenvolvida desde os anos 1970 pelo psiquiatra francês Christophe Dejours.

Henry Charles Bukowski Jr – nascido em Andernach, na Alemanha, em 1920, e morto em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1994 – foi celebrado por Jean-Paul

Sartre como o maior poeta da América do Século XX (SOUNES, 2008). Segundo Nicolau (2006), sua fecunda obra constitui um registro histórico e artístico do sofrimento da classe trabalhadora, daqueles que foram dominados pelo advento do sistema de produção capitalista, o qual, inicialmente, estruturou-se a partir do *taylorismo* e do *fordismo*, fenômenos vivenciados diretamente pelo artista e abordados em sua poesia e em sua prosa, especialmente, nos romances "Cartas na Rua" (BUKOWSKI, 2003) e "Factótum" (BUKOWSKI, 2007a).

Para Harrison (1994) e Sounes (2008), Bukowski deve ser compreendido como um "poeta proletário", um "lírico social" que abordou como nenhum outro romancista o mundo do trabalho, e que se recusou a acreditar no *American dream*, fenômeno baseado na naturalização da sociedade de classes. Bukowski desafiou abertamente o mito do sonho americano em duas frentes de combate: pela crítica às rotinas de trabalho alienantes, extenuantes e repetitivas, às quais se encontrava submetida a população de seu país em um momento histórico de expansão do capitalismo industrial; e pela condenação da ritualística consumista e materialista que fundamenta o *american way of life* (HARRISON, 1994; NICOLAU, 2006). No presente estudo, a atenção se volta para a primeira dessas frentes, para a reflexão crítica empreendida por Bukowski com relação ao sofrimento laboral – característico do sistema capitalista, mas presente em outras configurações igualmente opressoras. Não por coincidência, a mesma reflexão fundamenta

também a pesquisa empreendida por Christophe Dejours e seus colaboradores e seguidores, por meio da psicodinâmica do trabalho.

Visando a pesquisa das relações entre saúde psicofísica e trabalho, por meio da análise dos processos subjetivos mobilizados pela inserção do homem em sua atividade laboral, a PDT busca investigar a maneira pela qual os sujeitos se estruturam individualmente e se organizam coletivamente para buscar compreender em que constitui o fenômeno do trabalho (SICHÈRE, 2010). Cada vez mais recorrente no campo das ciências sociais aplicadas, a PDT tem por fulcro a investigação da dicotomia entre o prazer e o sofrimento advindos do encontro entre um sujeito pleno de desejos de realização, com uma situação de trabalho na qual as decepções e a dor são, em grande parte, independentes de sua vontade (ALDERSON, 2004).

Na concepção de Dejours (2007), trabalhar compreende vivenciar um processo do qual emerge um sentimento de impotência diante de uma realidade impossível de ser transformada, gerando-se, inevitavelmente, uma pesadosa experiência psicoafetiva. Tal experiência vem sendo investigada, notadamente, no campo científico, mas também tem sido representada, ao longo das décadas, por artistas – desde cineastas como Charles Chaplin até pintores como Tarsila do Amaral – configurando-se assim uma possibilidade transdisciplinar para a análise do

fenômeno (PLAZA, 2003; SOMMERMAN, 2006). Na presente pesquisa, almeja-se abraçar a transdisciplinaridade por meio de uma conjunção entre estudos organizacionais e arte literária.

Para De Cock e Land (2006), pesquisas que articulam literatura e estudos sobre o fenômeno organizacional podem ser efetivas para criticar reflexivamente problemas pertinentes ao universo organizacional, com intenções pedagógicas. Conforme argumentam Fischer *et al.* (2007), quando a expressão das vivências de um autor literário encontra eco no leitor, reproduz-se a relação mestre/aprendiz, revitalizada por meio de recursos estéticos que integram cognição e emoção. Assim, a utilização de obras literárias pode ajudar a fazer entender a contribuição de aportes não tradicionais ao conhecimento (FREITAS, 2006).

Nesse contexto, em consonância com a perspectiva da psicodinâmica do trabalho desenvolvida por Christophe Dejours, o objetivo do presente estudo é apresentar a obra literária de Charles Bukowski como recurso de pesquisa e reflexão para dar suporte à análise do sofrimento humano nas organizações. Estruturado como ensaio teórico, o artigo adota a construção textual de trabalhos recentemente produzidos por autores brasileiros (EMMENDOERFER *et al.*, 2008; MARTINS, 2008; REGO; CUNHA; WOOD JR., 2010) que confiam no potencial da literatura como fonte

de pesquisa e reflexão acerca das organizações: mostram-se trechos das obras literárias para propiciar o diálogo com os temas em debate.

Cabe notar que a PDT configura-se tanto como teoria psicossocial do trabalho quanto como método de intervenção clínica (MERLO; MENDES, 2009). De fato, a psicodinâmica do trabalho não se apresenta exclusivamente como um domínio de estudos teóricos voltado para o avanço do conhecimento científico, mas antes se encontra diretamente ligada à ação prática. Dejours (2012) afirma que a PDT é, antes de tudo, uma clínica, que tem por fonte de inspiração o trabalho de campo, a partir do qual se alinham construções teóricas. Para Heloani e Lancman (2004, p. 82), a PDT parte do trabalho empírico e retorna constantemente a ele, visando “intervir em situações concretas de trabalho, compreender os processos psíquicos envolvidos e formular avanços teóricos e metodológicos reproduzíveis a outros contextos”. Contudo, no presente artigo, adota-se a perspectiva da psicodinâmica do trabalho como teoria, sem a contrapartida clínica, configurando-se assim a principal limitação da pesquisa.

A LITERATURA NO ENSINO E NA PESQUISA SOBRE TRABALHO E ORGANIZAÇÕES

Os recursos estéticos exercem um papel múltiplo nos processos de ensino e aprendizagem: atuam como inspiradores, são potencializadores e facilitadores do

aprendizado e, como representações da vida humana, servem como contraponto crítico e sensível aos conceitos, aos princípios e às generalizações das teorias (FISCHER *et al.*, 2007). Davel, Vergara e Ghadiri (2007) defendem que as experiências emocionais e estéticas perpetradas pela arte devem ser pensadas como inextricavelmente relacionadas aos processos de aprendizagem e pensamento, aspecto particularmente relevante na didática de disciplinas científicas.

A utilização da narrativa literária como motivação para a aprendizagem desperta o interesse dos alunos, favorece a compreensão das entrelinhas de um texto e permite descortinar novos espaços de investigação a partir de um outro olhar sobre o objeto de estudo (BAËTA, 2007). Oliveira e Cruz (2007, p. 2) defendem que as obras literárias constituem um recurso estético importante em disciplinas de Administração, pois "facilitam a construção e a (re)construção de conhecimentos dos alunos". Adicionalmente, no parecer de Emmendoerfer *et al.* (2008, p. 1), "estudos pluridisciplinares envolvendo Administração e Literatura podem revelar como uma significativa fonte de pesquisa e reflexão crítica para a prática das organizações contemporâneas".

Para Adorno (1988), a arte pode rerepresentar conflitos e antagonismos não resolvidos da experiência social como uma experiência estética e, assim, a

literatura pode exercer um importante papel na crítica à desumanização perpetrada pelo capitalismo. Martins (2008), por exemplo, aproveita a ficção literária "O Psicopata Americano", de Brest Easton Ellis, para evidenciar o comportamento psicopatológico desenvolvido por executivos orientados pela competitividade e pela pressão por crescentes retornos financeiros demandados pelas corporações. Tragtenberg (1967) vale-se de autores clássicos da literatura, como Fiódor Dostoievski, para analisar as organizações, enquanto Rego, Cunha e Wood Jr (2010) resgatam Franz Kafka para melhor compreender as burocracias modernas.

O uso de literatura em salas de aula promove a criação de um contexto emocional capaz de acelerar e aprofundar o processo de aprendizagem, criando compromissos de ordem afetiva que vão além dos vínculos observados em aulas apoiadas exclusivamente por métodos didáticos convencionais (FERREIRA, 2007). Segundo Fischer *et al.* (2007, p. 940), "a literatura é obra de compaixão que convida o leitor a se colocar no lugar do outro quando ela anima um personagem no nosso imaginário e quando ela o faz viver uma gama de emoções". Ruas (2005) acredita que disciplinas de Administração projetadas a partir de alternativas pedagógicas que contem com recursos estéticos tais como a literatura podem desenvolver e/ou estimular nos discentes a criatividade, a sensibilização, a reflexão, a improvisação, a disponibilidade à experiência, a intuição, a associação de ideias e

imagens, bem como servir como elementos motivadores e fixadores para consolidar o processo de aprendizagem.

A utilização da literatura como recurso pedagógico em disciplinas de graduação e pós-graduação permite assim que o curso se abra para o debate, pois desperta os estudantes para realidades a partir das quais é possível passar das abordagens prescritivas para as abordagens descritivas e reflexivas (COHEN, 1998). Thompson e McGivern (1996) enfatizam a literatura como material didático inigualável para propiciar o surgimento de novas visões de mundo. Ferreira (2007) argumenta que o contato com a ficção literária propicia um aumento do repertório existencial para os estudantes, bem como suas percepções acerca de si próprios e dos outros no mundo, aspectos fundamentais para o amadurecimento profissional.

No que diz respeito à utilização da arte literária como recurso de pesquisa acerca do mundo do trabalho e do universo das organizações, Jaime Jr. (2002) acredita que a literatura tem papel fundamental na elaboração de pesquisas sobre cultura organizacional, principalmente por mostrar que o ser humano é muito mais complexo do que pressupõem as simplificações feitas pelos pesquisadores. Alves (2009) destaca que os acadêmicos de ciências sociais aplicadas devem

recorrer às obras literárias, que seriam expressões do real e representariam pessoas e discursos cruciais para nortear os estudos organizacionais.

No presente texto, o germano-americano Charles Bukowski tem sua obra aproveitada como recurso para ensino e pesquisa, porém isso não significa que o Brasil seja pobre em termos de autores literários que abordam problemas relativos a empresas ou ao trabalho. Pelo contrário, as possibilidades são amplas e merecem ser exploradas pelos pesquisadores do campo. A tomada de consciência por um trabalhador acerca do valor de sua produtividade, por exemplo, foi explorada por escritores brasileiros ao longo dos Séculos XIX e XX, como atestam as obras “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, “Terras do Sem-fim”, de Jorge Amado, e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos (TAVARES, 2009). Para dar voz à classe trabalhadora brasileira ou para denunciar as mazelas do sistema produtor, Scliar (2009) cita a literatura de Jorge Amado, com “Cacau”, de Lima Barreto, com “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, e de Graciliano Ramos, com “São Bernardo”.

CHARLES BUKOWSKI: VIDA E OBRA DO “POETA PROLETÁRIO”

No parecer de Scliar (2009, p. 11), escritores e poetas podem ser divididos em dois grandes grupos: aqueles que não admitem qualquer compromisso além do o

rigor estético de seu trabalho e "aqueles que se sentem comprometidos com o mundo, com o país em que vivem, com a situação social e que querem dar sua contribuição para o projeto de mudança pelo qual tantas pessoas anseiam". Charles Bukowski pertenceu a esse segundo grupo de artistas. De acordo com suas próprias palavras, havia uma proposta inequívoca em sua fértil literatura, tanto em prosa quanto em poesia (BUKOWSKI em SOUNES, 2008, p. 107):

Aquilo que eu tentei fazer, caso vocês possam me perdoar, foi mostrar a vida do trabalhador sob todos os seus aspectos, digamos assim. A mulher que sofre quando ele volta da labuta. As realidades básicas da existência de cada um... assuntos que a poesia raramente abordou através dos séculos.

A literatura de Bukowski nasceu a partir de uma infância vivida no período da Grande Depressão norte-americana, de seus mais de dez anos de andanças pelos Estados Unidos no pós Segunda Guerra Mundial, de sua maturidade, em que abria os classificados em busca de empregos como "expedidor de mercadorias, encarregado de almoxarifado, zelador, porteiro, encarregado do depósito, ajudante de inválidos, entregador de guia telefônico" (BUKOWSKI, 2000, p. 169) e dos estafantes anos de trabalho operacional na agência central dos Correios de Los Angeles. Expressando suas vivências sob influência das obras literárias de autores tais como Céline, Dostoievski, Fante e Hemingway, Bukowski elaborou sua

poética por meio de um mundo habitado por perdedores, despossuídos, alcoólatras, desempregados, prostitutas, mendigos e trabalhadores braçais (CALONNE, 2010). Nos Correios, o trabalho de Bukowski consistia em cumprir uma rotina desgastante em um ambiente infernal (SOUNES, 2008, p. 88):

A sala de triagem tinha o tamanho de um campo de futebol americano. Ela era iluminada por projetores e estava permanentemente entupida de funcionários correndo, classificando cartas e pacotes, arrastando sacos enquanto os supervisores berravam para que eles se apressassem. O barulho era insuportável. As máquinas de etiquetagem batiam num ritmo constante, os enormes tapetes rolantes traziam um rio interminável de cartas e os alto-falantes presos ao teto cuspiam música de elevador. Fazia muito calor, mesmo ao cair da noite, no momento em que Bukowski começava sua jornada, um calor produzido pelo labor humano.

No parecer de Calonne (2010, p. 14), Bukowski criou “um novo gênero literário, entre a ficção e a autobiografia: uma mistura de referências locais, alusões literárias e culturais e elaboração imaginativa de experiências pessoais”. O personagem central de grande parte da literatura de Charles Bukowski é seu *alter ego* Henry Chinaski, um escritor que, impedido de retirar seu sustento a partir da arte, é obrigado a aceitar os trabalhos alienantes típicos do sistema capitalista, e só consegue dedicar-se à literatura ao “chegar da fábrica com suas

mãos e seu corpo e sua mente dilacerada, depois de ter todas as horas de seu dia roubadas" (BIGNA, 2005, p. 1). Muitas aventuras de Chinaski se passam em Los Angeles, mas quando o protagonista discorre sobre sua peregrinação pela América, as histórias retornam às questões do emprego e do subemprego (BUKOWSKI, 2010, p. 125):

Ia de cidade em cidade, trabalhando longas horas em empregos tediosos e miseráveis (...) nos matadouros, nas equipes das ferrovias, despachando pequenos carregamentos, recebendo pequenos carregamentos.

Mesmo tendo obtido boa circulação nos Estados Unidos, a obra de Bukowski foi mais bem recebida pelo público e pela crítica literária no continente europeu, em função de dois motivos principais: a relutância dos norte-americanos em admitir os problemas que afligiam sua classe trabalhadora e o estilo escatológico e sexista utilizado pelo escritor em alguns de seus contos, romances e poemas (HARRISON, 1994). A recorrência do grotesco, do sexo e da bebida em sua literatura, principalmente nos textos originalmente publicados em jornais alternativos, ajudaram a angariar para Bukowski a alcunha de "Velho Safado" (*Dirty Old Man*), por meio da qual sua obra ganharia popularidade, mas que viria a fazer com que leitores desavisados o tomassem por um bebedor maníaco por sexo (BIGNA, 2005). Todavia, os intelectuais franceses Jean-Paul Sartre e Jean

Genet compartilhavam a opinião de que o “Velho Safado” era “o maior poeta americano vivo” em 1975 (SOUNES, 2008, p. 197).

De acordo com Harrison (1994), a literatura de Bukowski enfatiza a faceta mais importante do sistema de classes: o papel do indivíduo nas relações de produção. Para o “Poeta Proletário”, o trabalho é sempre destrutivo (NICOLAU, 2006; ROSS, 2001): acaba com o corpo e com a mente do trabalhador, até impedi-lo de raciocinar. Em “Cartas na Rua” (BUKOWSKI, 2003), por exemplo, o trabalho repetitivo e pesado, realizado ao longo das horas, causa males ao corpo, destroça o mundo afetivo do trabalhador e aniquila sua vida social.

Bigna (2005, p. 11) argumenta que a principal característica do personagem Henry Chinaski é uma “afinidade politizada com seus companheiros trabalhadores”, com os quais ele habitava “as linhas de montagem das fábricas, os pátios de descarga de produtos, os armazéns, os cais dos portos e as agências de empregos”. Rhodes (2007) vê Chinaski como um homem que se horroriza diariamente com aquilo que uma pessoa precisa fazer apenas para comer, dormir e poder usar roupas. Bukowski retrata seus personagens como trabalhadores presos em seus trabalhos, assim como um rato se encontra preso em uma armadilha, porém consciente de que sua vida está sendo desperdiçada

(HARRISON, 1994). O sofrimento laboral é um dos principais combustíveis do escritor para produzir seus contos e poesias.

CHRISTOPHE DEJOURS E A PSICODINÂMICA DO TRABALHO

No período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, no mesmo momento histórico em que Charles Bukowski iniciava sua jornada pelos Estados Unidos, trabalhando em toda a sorte de empregos e subempregos, um grupo de psiquiatras franceses se interessou pelo papel do trabalho na gênese da doença mental. A partir de seus estudos, foi possível estabelecer uma ligação causal entre as características patogênicas e alienantes de uma mesma situação social – a inserção do homem na organização do trabalho – e as afecções psicopatológicas caracterizadas pelo sofrimento gerado pelo trabalho (FAÏ, 2007; SICHÈRE, 2010).

As pesquisas dos psiquiatras franceses logo aumentaram seu escopo para além das disciplinas médicas, a partir da concepção de que é impossível haver troca satisfatória nas relações de trabalho, pois o contrato social entre trabalhador e empregador é por princípio incompleto, uma vez que se espera um determinado desempenho do trabalhador, "sem que este saiba exatamente quais serão os desdobramentos e intercorrências de seu esforço no dia-a-dia de trabalho" (HALLACK; SILVA, 2005, p. 75). Assim, sob uma perspectiva sócio-histórica, ao se

enfocar o trabalho humano, não se pode deixar de abordar questões ambivalentes tais como autonomia e dominação, liberdade e controle, satisfação e insatisfação, prazer e sofrimento (BIDET, 2001). Contudo, os estudos seminais gerados por tal corrente teórica – inicialmente conhecida como “psicopatologia do trabalho” – buscavam primordialmente investigar a saúde no trabalho em um contexto local, dificultando a universalização de suas discussões acerca dos males provocados pelo trabalho (LALLEMENT *et al.*, 2011).

Com o intuito de ampliar as contribuições propiciadas pela disciplina, a expressão “psicodinâmica do trabalho” (PDT) foi proposta em 1992 por Christophe Dejours, um médico do trabalho, psiquiatra e psicanalista radicado em Paris, para designar um campo de pesquisa voltado para o exame dos conflitos psíquicos suscitados pela experiência do homem com seu trabalho (SICHÈRE, 2010). Advinda da teoria psicanalítica, o termo “psicodinâmica” designa “o estudo dos movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos inter e intra-subjetivos” (ASSIS; MACEDO, 2008, p. 119). Nesse contexto, o termo “trabalho” denota um “modo de engajamento da personalidade para responder a uma tarefa delimitada por pressões materiais e sociais” (DEJOURS, 2004, p. 28). Outrossim, a disciplina científica da PDT tem por objetivo conduzir uma análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1993).

A preocupação central da PDT envolve o binômio sofrimento e prazer no trabalho, sendo seu grande desafio a compreensão da normalidade, e não da doença mental no trabalho (NASSIF, 2005). Segundo Mendes (2007, p. 30), constituem o objeto de estudo da PDT as "relações dinâmicas entre organização do trabalho e processos de subjetivação, que se manifestam nas vivências de prazer-sofrimento", assim como "nas estratégias de ação para mediar contradições da organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento". Para Dejours e Abdoucheli (1993), doenças mentais não são causadas pelo trabalho, são desencadeadas por ele: o sofrimento associado à experiência do trabalho pode conduzir o trabalhador à doença ao anular os "comportamentos livres", as tentativas de transformar a realidade circundante conforme os desejos do sujeito, em função da dificuldade de estabelecer um acordo entre seus desejos e as exigências da organização do trabalho.

Mais especificamente, em PDT, o sofrimento no trabalho pode ser tipificado a partir de três possibilidades (DEJOURS, 2001; DEJOURS; ABDOUCHELI, 1993). O sofrimento patogênico surge quando foram utilizadas todas as possibilidades de ajustamento à organização do trabalho pelo sujeito, para colocá-la em concordância com seu desejo, mas sua relação subjetiva com a organização do trabalho se encontra bloqueada. O sofrimento criativo se caracteriza quando a liberdade de trabalho diminui e, a partir daí, o trabalhador não pode exercer sua

iniciativa, configurando-se uma organização autoritária, em que se retira do trabalhador a liberdade de fazer uso de suas aptidões psicomotoras, sensoriais e psíquicas. Por fim, o sofrimento ético advém não de algum mal sofrido pelo sujeito, porém do mal que o próprio sujeito pode causar a si mesmo ou a outrem ao cometer, por seu trabalho, atos que normalmente reprova.

Em sua obra "A Loucura do Trabalho", Dejours (1992, p. 133) assevera que "a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico", visto que, sob certas condições, emerge um sofrimento de natureza mental "que pode ser atribuído ao choque de uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora". O construto prazer-sofrimento teria origem, assim, nas mediações utilizadas pelo trabalhador para manter sua saúde diante da opressão do trabalho (ASSIS; MACEDO, 2008), situação que em princípio caracterizaria um enigma, com o qual Dejours viria oportunamente a lidar.

O enigma com o qual se depara Christophe Dejours envolve o questionamento acerca de como o trabalhador é capaz de manter certo grau de equilíbrio psíquico a despeito das condições precárias de trabalho a que se encontra submetido. Em um contexto laboral marcado por constrangimento e pressão intensos, Dejours se intriga com o fato de o trabalhador não entrar em colapso,

desempenhando suas tarefas sem apresentar os transtornos psíquicos esperados. Outrossim, a partir da publicação da obra "A Banalização da Injustiça Social", o foco primordial da análise de Dejours (2001) não mais envolve as vivências de prazer-sofrimento, mas antes o modo por meio do qual o trabalhador subjetiva tais vivências, bem como o sentido que elas assumem, e o uso de estratégias ensejadas pelas novas formas de organização do trabalho, particularmente as defesas coletivas e a cooperação.

Para Franco (2004), o grande mérito da obra de Dejours foi romper com as abordagens até então prevalentes na medicina ocupacional, voltadas para a análise dos problemas tangíveis de saúde no trabalho, com nexos causais explícitos – tais como a contaminação por chumbo e o saturnismo – para propor uma perspectiva mais complexa, que incorpora e integra a dimensão da subjetividade à dimensão histórica, política e sociológica da inserção dos indivíduos no trabalho. O pioneirismo de Christophe Dejours também se reflete na proposição de que o sofrimento no trabalho não é necessariamente acompanhado por uma descompensação psicopatológica, ou seja, por uma ruptura do equilíbrio psíquico que desencadeia uma doença mental: por meio de mecanismos de defesa elaborados coletivamente pelos trabalhadores, é possível controlar o sofrimento e permanecer produtivo para o sistema, num tipo de "equilíbrio instável", a despeito da pressão do trabalho sobre a saúde mental.

Ao longo das décadas, a pesquisa de Dejours revelou que a força de trabalho não se comporta sempre de modo passivo diante dos problemas e, em muitas situações, os trabalhadores são capazes de minimizar ou evitar os danos a seu psiquismo por meio de estratégias de defesa individuais e coletivas para se proteger do elevado nível de sofrimento nas organizações e poder seguir trabalhando (FACCHINETTI, 2009; LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

Os mecanismos defensivos utilizados pelos indivíduos em relação à opressão do trabalho podem ser coletivos ou individuais, porém, geralmente, prevalecem as respostas individuais, tais como o silêncio face à fonte de sofrimento, como a presença do patrão, ou a negação completa do sofrimento (ALDERSON, 2004; DEJOURS; ABDOUCHELI, 1993). Já as defesas coletivas dos trabalhadores são caracterizadas por uma lógica rigorosa de inibição de comportamentos, tais como silenciar o medo, rejeitar regras de segurança e brincar diante do risco de acidentes (FRANCO, 2004; MEYER; GUIMARÃES, 2013). Gomide (2013, p. 389) argumenta que o desenvolvimento de tais defesas psíquicas acaba por “alimentar as condições irracionais da organização de trabalho e, assim, por fechar o grande círculo da injustiça social: a negação do sofrimento alheio”, num mecanismo em que os excluídos não mais são percebidos como dignos de preocupação política, porém, ao contrário, “são depreciados e até mesmo responsabilizados por suas tristes situações sociais”.

UMA PERSPECTIVA DO SOFRIMENTO EM BUKOWSKI A PARTIR DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Em consonância com a PDT, para Sichère (2010) a experiência no trabalho é, antes de tudo, uma vivência afetiva, que caracteriza um processo por meio da qual o homem tenta se familiarizar com a máquina, as ferramentas ou a matéria sobre a qual trabalha e, perante as dificuldades de encurtar esse distanciamento afetivo, permite que subsista o sofrimento, que inicialmente designa como veículo o corpo do trabalhador, para passar à confrontação da organização do trabalho. Em "Cartas na Rua" (BUKOWSKI, 2003, p. 137-138), o personagem Henry Chinaski entra constantemente em conflito com a estrutura laboral que lhe foi imposta:

- Nós temos um plano de produção a seguir, Chinaski.
- Pode deixar.
- E quando não se cumpre o plano de produção isso significa que alguém mais terá de arrumar essas cartas por você. Isso significa horas extras.
- Você quer dizer que eu sou o responsável por essas 3 horas e meia de horas extras que solicitam toda noite?
- Olhe, você levou 28 minutos numa caixa de 23 minutos. É isso que diz aqui.
- Você sabe melhor do que eu. Cada caixa tem 1 metro de comprimento. Algumas caixas têm até 3 ou 4 vezes mais cartas do que outras. (...) Tudo que vocês sabem é que cada caixa mede 1 metro de comprimento e que

tem que ser esvaziada em 23 minutos. Acontece que não arrumamos tudo de uma vez, tem de ser carta por carta.

– Não, não, tudo isto foi cronometrado!

– Talvez sim. Mas eu duvido. Em todo caso, se você vai cronometrar alguém, não julgue por uma caixa. Até os grandes astros erram de vez em quando. Julgue um homem por dez caixas ou uma noite de trabalho. Vocês se aproveitam dessa coisa pra enforçar qualquer cara que cair nas garras de vocês.

– Tudo bem, Chinaski. Já disse o que tinha a dizer. Agora eu lhe digo: você levou 28 minutos numa caixa. Nós nos guiamos por isso (...).

– Suponhamos que eu pegue uma caixa fácil. De vez em quando eu pego. Às vezes eu acabo uma caixa em 5 ou 8 minutos. Conforme os testes cronometrados, eu economizaria 15 minutos aos Correios. Bem, então eu posso pegar esses 15 minutos e descer ao bar, comer um pedaço de torta com sorvete, olhar um pouco de TV e voltar?

– Não! Você deve agarrar uma outra caixa imediatamente e começar a carimbar cartas!

O trecho anterior evidencia uma aplicação dos estudos de tempos e movimentos – desenvolvidos a partir da abordagem da administração científica elaborada por Frederick Taylor – na padronização de tarefas para otimizar processos de trabalho (MORGAN, 1996). Dejours, Dessors e Desrioux (1993) lembram que uma tarefa repetitiva e imutável é perigosa para a saúde de um trabalhador, especialmente quando as pressões de tempo são fortes.

No livro "Cartas na Rua", o tema do sofrimento laboral é abordado tanto no que se refere aos aspectos psíquicos, quanto no que tange à inscrição dos conflitos mentais em afecções somáticas. Como o trabalho sempre convoca o corpo (CARDOSO, 2001, p. 93), o sofrimento psíquico manifesta-se também no corpo do trabalhador (DEJOURS, 2004; LIMONGI-FRANÇA, 2008). O corpo útil ao processo produtivo – corpo reprimido cuja existência só se manifesta quando se quebra ou se desregula –, participa do jogo social submetendo-se à consciência profissional e sofre quando perturbações psicóticas o fragilizam (BOUVET, 2005). Bukowski (2003, p. 136) descreve esse sofrimento psicofísico como um derretimento do trabalhador:

Eu tinha visto o emprego devorando homens. Eles pareciam derreter. Lá estava Jimmy Potts do Posto Dorsey. Logo que entrei, Jimmy era um cara forte que usava camiseta. Agora estava arrasado. Colocava seu banco o mais próximo do chão possível, e se agarrava pra não cair dos pés. Vivia cansado demais pra cortar os cabelos e usava as mesmas calças há três anos. Trocava as camisas duas vezes por semana e caminhava muito devagar. Tinham-no matado. Ele tinha 55 anos. Faltavam 7 para se aposentar.

– Nunca vou conseguir, ele me disse.

Ou derretiam ou engordavam, enormes, especialmente na bunda e na barriga. Era o banquinho, e os mesmos movimentos e a mesma conversa.

E lá estava eu, com tonturas e dores nos braços, no pescoço, no peito, em

todo lugar (...) Tinha de beber pra esquecer. Eu entrara lá pesando 92 quilos. Agora eu pesava 110. Tudo que você mexia lá era o braço direito.

Pesquisas em psicodinâmica do trabalho obtiveram sucesso em estabelecer relações entre o sofrimento mental no trabalho, o surgimento ou agravamento de quadros depressivos, e o esgotamento profissional ou *burnout* (MEZERAI; DAHANE; TACHON, 2006). Para Paiva *et al.* (2013, p. 2), o *burnout* compreende um conjunto de reações crônicas ou extremas ao estresse laboral, capazes de gerar “prejuízos significativos para a saúde de indivíduos, de organizações e da sociedade como um todo”. Adicionalmente, Dejourn (2007) crê que o sofrimento laboral constante empurra progressivamente o sujeito para a doença.

O trecho previamente apresentado traz também uma referência de Bukowski à necessidade de “beber para esquecer” os problemas no trabalho. No Brasil, pesquisadores em PDT mostraram que, para suportar as pressões ansiogênicas do trabalho, muitos homens recorrem ao uso de bebidas alcoólicas (CARDOSO, 2001). Cabe notar que o “Velho Safado” era incapaz de entender seu alcoolismo como vício ou doença: na obra de Bukowski, a bebida aparece como válvula de escape para os problemas encontrados junto às mulheres e no trabalho, aspectos de sua vida que ele responsabilizava por sua compulsão em buscar no álcool a

possibilidade de se matar gentilmente, "um copo de cada vez" (SOUNES, 2008, p. 168).

As restrições, os ritmos e as metas impostas pelos processos laborais têm no corpo do operário um efeito de contenção e estruturação: aprisionado pela funcionalidade profissional dele requerida, o corpo potencializa e multiplica o sofrimento mental, que então é devolvido a mente, num processo de retroalimentação (BOUVET, 2005; DEJOURS, 2009). Conforme observam Grisci e Bessi (2004, p. 163), as influências da organização do trabalho sobre o trabalhador "são estendidas para a vida como um todo, (re)configurando os modos de ser e de agir dos sujeitos, afetando-os física e psiquicamente".

Para Dejours e Abdoucheli (1993), os problemas psíquicos conduzem a uma fragilização que leva à eclosão de doenças do corpo, que podem favorecer o consumo de medicamentos e álcool, que, por sua vez, agravam a psicopatologia. O esgotamento atribuído ao trabalho aparece em diversas obras de Charles Bukowski, como em "Ao Sul de Lugar Nenhum" (BUKOWSKI, 2008, p. 50-51):

O sol estava alto e fomos fazer o nosso trabalho: empilhar dormentes de trilho. Tínhamos que empilhá-los em montes. Os de baixo eram fáceis. Mas, à medida que aumentava, tínhamos que contar. "Um, dois, três" e os atirávamos.

(...) De vez em quando, uma lasca de um dos dormentes cortava a luva apodrecida e perfurava minha mão. Normalmente a dor seria insuportável e eu teria desistido, mas o cansaço anesthesiava os sentidos, realmente os anesthesiava. Eu ficava apenas brabo quando acontecia: como se quisesse matar alguém, mas, quando olhava ao redor, havia apenas areia e penhascos e o sol forte, amarelo, brilhante, seco e nenhum lugar para ir.

Era como qualquer outro trabalho impossível, você se cansava e queria pedir demissão e então ficava mais cansado e esquecia de se demitir e os minutos não avançavam, vivia-se para sempre dentro de um minuto, sem esperança, sem saída, preso, muito entorpecido para se demitir.

Uma situação de trabalho na qual predomina uma combinação de esforços elevados e de baixo reconhecimento por tais esforços tende a ser acompanhada por reações patológicas nos planos emocional e fisiológico (VÉZINA, 2008). Contudo, a sobrecarga do trabalho não constitui absolutamente a única variável patogênica em um processo de trabalho. Atualmente, de acordo com Dejours (2007), as patologias relacionadas ao trabalho que vêm causando mais preocupação podem ser classificadas em quatro rubricas: (1) patologias relacionadas à sobrecarga de trabalho, dentre as quais se sobressai o *burnout*; (2) patologias pós-traumáticas desencadeadas por agressões sofridas por trabalhadores no exercício de suas profissões, as quais são bastante recorrentes no setor de serviços; (3) patologias decorrentes de situações de assédio moral e/ou

sexual; e (4) patologias relacionadas à depressão, às tentativas de suicídio e ao suicídio, não raramente acompanhadas de alcoolismo e/ou toxicomania.

Para Facchinetti (2009), historicamente, as maiores fontes de sofrimento no trabalho reportadas por pesquisadores em PDT são: (1) os processos de excessiva individualização e de retração social; (2) o medo e o tédio. O medo, por instância, é atentamente analisado por Dejours (2001) na obra "A Banalização da Injustiça Social", à guisa de alavanca para suspender a faculdade de pensar e então colocar em movimento o trabalhador, a partir de uma releitura do caso do oficial nazista Otto Eichmann, conforme inspiração legada por Hannah Arendt (1999). Já em "Factótum", obra obrigatória para compreender a perspectiva artística de Charles Bukowski com relação ao sofrimento laboral, tédio, medo e retração social são elementos constantes na narrativa (BUKOWSKI, 2007a, p. 125-126):

Eu estava lá às nove da noite. O superintendente me mostrou onde ficava o relógio de ponto. Marquei minha chegada. Ele me alcançou três ou quatro flanelas e um enorme pote.

– Há uma barra de latão que se estende ao redor de todo o prédio. Quero que você dê um lustre nela.

Fui até o lado de fora e dei uma olhada na barra. Lá estava. Corria ao redor do prédio, que era dos grandes. Coloquei um pouco de cera sobre o metal e comecei a lustrá-lo com uma das flanelas. Não parecia fazer muita diferença. As pessoas que passavam pela rua me olhavam com

curiosidade. Eu já tivera uma série de trabalhos estúpidos, mas este parecia ser o mais estúpido de todos os tempos.

A solução, decidi, era não pensar. Mas como se faz para parar de pensar?

Por que eu havia sido escolhido para polir essa barra? (...) Bem, mas podia ser pior. Eu poderia estar na China, trabalhando na colheita de arroz.

Lustrei cerca de oito metros da barra, dobrei a esquina e avistei um bar do outro lado da rua. (...) Atravessei em direção ao estabelecimento. Não havia ninguém ali, só o cara do balcão.

– E aí, tudo na boa?

– Beleza. Me vê uma garrafa de Schlitz.

Apanhou uma, abriu-a, pegou meu dinheiro e fez soar a caixa registradora.

– Onde estão as garotas? – perguntei.

– Que garotas?

– Você sabe. As garotas.

Em PDT, o bem-estar psíquico não provém da ausência de funcionamento das aptidões psicomotoras do trabalhador, mas, ao contrário, de um livre funcionamento em relação ao conteúdo da tarefa a ser desempenhada: paradoxalmente, um trabalho em que não existe grande coisa a fazer, mas que demanda que o trabalhador esteja presente e pareça ocupado gera rapidamente um aumento da carga psíquica, seguida por uma intensa fadiga (DE]OURS; DESSORS; DESRI AUX, 1993). Adicionalmente, em uma situação de trabalho caracterizada por uma combinação de demandas psicológicas elevadas e de

baixa autonomia na tomada de decisões, aumenta o risco de que o trabalhador desenvolva um problema de saúde física e/ou mental (MEZERAÍ; DAHANE; TACHON, 2006; VÉZINA, 2008).

No trecho anterior, a demanda por bebida alcoólica e a indagação do personagem com relação à presença de garotas para atenuar sua angústia remete à questão do desejo, e sobre como a organização laboral pode drenar o desejo do indivíduo (BOUVET, 2005; RAMOS, 2004). A saúde mental não é a ausência de angústia, ela está relacionada à existência de esperanças e objetivos que podem ser elaborados, enfim, ao desejo (DEJOURS; DESSORS; DESRIAUX, 1993).

Ainda em "Factótum", livro anteriormente utilizado por Rhodes (2007) para discutir formas extremas de resistência individual às relações de poder que submetem o trabalhador ao controle de sua subjetividade e à regulação identitária por uma organização, Charles Bukowski (2007a, p. 173) vale-se da ironia e do cinismo para não sucumbir ao trabalho:

O homem da empresa de freios me conduziu através de uma escada estreita. Seu nome era George Henley. George me mostrou minha sala de trabalho, bastante diminuta, escura, iluminada apenas por um bico de luz e uma janelinha que dava para um beco.

– Bem – ele disse –, ali estão as caixas. Você põe as pastilhas de freio dentro das caixas. (...) Temos três tipos de caixas, cada uma com sua impressão própria. Uma caixa é para nossa “Pastilha de Freio Super Durável”. A outra é para nossa “Super Pastilha de Freio”. E a terceira é para nossa “Pastilha de Freio Comum”. As pastilhas estão armazenadas bem aqui.

– Mas elas me parecem todas iguais. Como posso diferenciar umas das outras?

– Não é preciso. Elas são todas iguais. Apenas divida tudo em três partes. Assim que terminar, vá até ali embaixo pra encontrarmos mais alguma coisa pra você fazer.

– Certo. Quando eu começo?

– Agora mesmo. E é absolutamente proibido fumar aqui nesta sala. Se tiver que fumar, vá lá embaixo, certo?

O sr. Henley fechou a porta. Ouvi-o descer a escada. Abri a janelinha e olhei para o mundo lá fora. Então me sentei, relaxei e fumei um cigarro.

O sujeito que trabalha é levado a reconhecer a distância entre sua percepção subjetiva do trabalho e a realidade apresentada pela organização laboral por meio do fracasso (DEJOURS, 2004, p. 28): “sua resistência aos procedimentos, ao saber-fazer, à técnica” faz emergir sentimentos de impotência, irritação e esmorecimento. Para Dejours, o labor comporta as conseqüências dos processos defensivos por meio de que o indivíduo compensa o sofrimento diário, seja na

relação conjugal, seja nas relações com os filhos, passando por todas as ocasiões em que há relações entre homens e mulheres (ALDERSON, 2004; JACQUES, 2003).

Quando as defesas ao trabalho funcionam em excesso, contudo, podem provocar uma insensibilidade ao sofrimento que não é conscientemente percebida, um tipo de anestesia que pode abrir-se para a alienação no labor (FRANCO, 2004). Assim, a alienação é vista pela PDT como uma saída para a subjetividade sufocada pela organização do trabalho (NASSIF, 2005).

O trecho anterior também evidencia o silêncio final do protagonista diante da impossibilidade de modificar uma situação de sofrimento estabelecida pela organização do trabalho. O silêncio de Chinaski/Bukowski frente à injustiça é uma característica recorrente na obra do escritor, e tal silêncio seria quebrado apenas quando a situação ficasse registrada em seus livros, na forma de prosa ou de poesia. Ao final de muitos contos de Bukowski, o protagonista se cala e abre uma cerveja ou acende um cigarro. Nesse sentido, cabe recordar que, de acordo com Grisci, Pivetta e Gomes (2008, p. 359-360), "o enfrentamento do sofrimento no silêncio" no contexto da psicodinâmica do trabalho configura-se como "a individualização máxima do sofrimento".

Por outro lado, o tédio, a ironia, o medo, o alcoolismo e a violência constituem aspectos relacionados ao sofrimento no trabalho que se fazem presentes na obra de Bukowski, mesmo nas raras ocasiões em que o foco de suas histórias passa daqueles que são comandados para os chefes, como no trecho a seguir, reproduzido do conto “Confissão de um Velho Safado”, extraído do livro “Pedacos de um Caderno Manchado de Vinho” (BUKOWSKI, 2010, p. 127):

Eu não era um bom chefe de seção. Chegava bêbado e batia na bunda dos operários com o cabo do martelo, enquanto eles pregavam as caixas de madeira. Mas eles gostavam de mim. Isso não estava certo – um bom chefe deve ser temido. O mundo todo funciona na base do medo.

Minha função era controlar o número total de livros enviados nas caixas, assinar a nota fiscal, lagar ali dentro e dizer: “Pode pregar!”. Eu apenas fingia contar. Era tão fácil e tão tedioso. Eu simplesmente fechava os olhos, fingia que estava contando (...) e dizia: “Ok, pode pregar!”.

Eu era experiente o bastante para saber que logo todos perceberiam que eu estava cagando para o trabalho, então pedi demissão antes que alguém me dedurasse.

Nas palavras de Dejours (CARDOSO, 2001, p. 90), o labor é “uma atividade dirigida ao outro: trabalhamos sempre para alguém, para um patrão, para um chefe, para nossos subordinados”; por essa razão, considerando então que o trabalho constitui “um poderoso mediador da construção da identidade” e um fator de “realização no

campo social", se ele não oferecer a possibilidade de reconhecimento, produzirá apenas sofrimento. Simultaneamente, a valorização das formas de organização laboral alicerçadas na individualização, dos princípios de gestão que valorizam a competição e dos apelos da direção com relação à concorrência generalizada entre pessoas e equipes, desenvolvem-se condutas que conduzem ao isolamento de cada indivíduo, à desolação, à desagregação e à ruína das solidariedades (DEJOURS, 2004). Para Heloani (2003), constitui característica do sistema produtor a intencionalidade de neutralizar o trabalhador em termos de poder, por intermédio de sua deliberada desqualificação e fragilização, numa situação opressiva em que a perversão moral se alia à hipercompetitividade do mercado de trabalho, para propiciar a instrumentalização do outro.

A confrontação dos personagens com uma ética organizacional enviesada, como nos trechos previamente apresentados, em que uma empresa vende itens idênticos em embalagens diferentes e a outra entrega uma chefia para um sádico, também pode evidenciar aspectos de sofrimento laboral presentes em Bukowski. Para Dejours, não há neutralidade no trabalho: em empresas descomprometidas com a ética, "aprender-se-ão os costumes mais destrutivos para o funcionamento da sociedade, o individualismo, os comportamentos desleais, as (...) traições, a arte de infligir sofrimento e injustiça ao outro" (CARDOSO, 2001, p. 91).

A indignação do “Poeta Proletário” com a injustiça de um sistema produtor que conta com “nossa indiferença, conivência e cumplicidade diante da exploração gritante de nossos semelhantes ou de nós mesmos” (RAMOS, 2004, p. 58) aparece em diversos momentos de sua narrativa, como na obra “Fabulário Geral do Delírio Cotidiano” (BUKOWSKI, 2007b, p. 181), em que, embriagado, o protagonista relata seu início no trabalho em uma indústria:

No primeiro dia chego lá perto da máquina. O lugar é todo de fibra de vidro. Estou de camisa aberta de manga curta, começo a apertar alavancas, tudo corre normal durante algum tempo, mas de repente sinto uma coceira danada no corpo inteiro. Chamo o capataz e pergunto: “Ei, que diabo de porra é essa? Estou com uma coceira danada no corpo todo! No pescoço, nos braços, em tudo quanto é parte!” E ele: “Não é nada, você acaba se acostumando”. Mas aí eu noto que ele usa uma manta abotoada até lá em cima no queixo e só trabalha com camisa de manga comprida. Bom, no dia seguinte eu apareço todo enrolado numa manta, com óleo etc., mas não adianta nada – aquela merda de vidro solta umas lascas tão finas que nem dá pra enxergar. E entra pela roupa e encrava na pele. Aí descobri porque me obrigavam a proteger os olhos com óculos. Aquilo é capaz de cegar um camarada em meia hora. Tive que desistir. (...) Bicho, você sabia que os caras DESPEJAM AQUELA MERDA BRANCA FERVENDO NOS MOLDES? Como se fosse gordura de toucinho ou molho. Incrível! E fervendo!

Como ilustra o trecho, para um operário que inaugura um posto de trabalho não chega à empresa como uma máquina nova: "ele tem uma história pessoal, que se concretiza por uma certa qualidade de suas aspirações, de seus desejos, de suas motivações e de suas necessidades psicológicas" (DEJOURS; DESSORS; DESRIAX, 1993, p. 103). Todavia, conforme argumenta Foucault (1987, p. 204), na sociedade industrial, o trabalho produz indivíduos mecanizados, que só têm "os braços como bens", e que são reduzidos à condição de "indivíduos-máquina".

Como acrescenta Morgan (1996), não se requer de um indivíduo-máquina que pense, apenas que aja. Dejours (2004), a seu turno, observa que, em numerosas situações de trabalho, predomina um absoluto rigor no controle e na vigilância dos gestos, dos modos operatórios e dos procedimentos, o que limita a autonomia do sujeito, de modo que a inteligência no trabalho encontra-se condenada à clandestinidade. Em "Ao Sul de Lugar Nenhum" (BUKOWSKI, 2008, p. 207), a narrativa que evidencia a dominação do corpo proletário pela organização racional do trabalho transcende o sofrimento psicofísico e remete à morte e ao inferno:

Harry me levou para a frente de um caminhão vazio de meio quarteirão de comprimento (...) Cada carriola estava carregada com montes de presunto que boiavam em um sangue fino e aguado. Não, não

flutuavam em sangue, estavam parados no sangue, como bolas de canhão, como a morte.

Um dos garotos pulou no caminhão atrás de mim e o outro começou a atirar os presuntos em mim e eu os pegava e os atirava para o sujeito atrás de mim que se virava e atirava os presuntos na caçamba do caminhão. Os presuntos vinham RÁPIDO e ficavam cada vez mais pesados. Tão logo eu atirava um presunto e me virava, outro já estava viajando pelo ar em minha direção. Sabia que tentavam me fazer desistir. Logo eu estava suando e suando, como se torneiras tivessem sido abertas sobre mim, e minhas costas doíam, meus pulsos doíam, meus braços doíam, tudo doía, e eu estava usando um último, impossível e débil resquício de energia. Eu mal conseguia ver, mal podia reunir forças para pegar mais um presunto e jogá-lo para trás (...) Os presuntos vinham e eu estava girando, pregado como um homem em uma cruz sob um capacete de aço, e eles continuavam trazendo carrinhas cheias de presuntos, presuntos, presuntos e finalmente estavam todas vazias, e fiquei ali em pé balançando e respirando sob aquela luz elétrica e amarela. Era noite no inferno. Bem, sempre gostei do trabalho noturno.

A partir de uma análise embasada pela PDT, Porcher (2003) defende que, no capitalismo, há semelhanças desconfortáveis entre trabalhadores e animais de carga ou corte, já que os homens e outros animais são relegados pelo sistema ao status de ferramenta, de máquina industrial ou de insumo para o processo produtivo. Assim se passa com os homens e com os presuntos no trecho anterior, a

partir do qual se pode remeter aos primórdios das linhas de produção, pois o trabalho de Bukowski nos matadouros de São Francisco em algum momento dos anos 1940 ou 1950 evoca a lembrança de que Henry Ford realizou em 1913 sua primeira experiência com uma esteira móvel a partir de uma idéia que lhe ocorreu "vendo o sistema de carretilhas aéreas que usam os matadouros de Chicago" (FORD, 1964, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi norteado pelo objetivo de apresentar a obra literária de Charles Bukowski como recurso de pesquisa e reflexão para dar suporte à análise do sofrimento humano nas organizações, em consonância com a perspectiva da psicodinâmica do trabalho desenvolvida por Christophe Dejours. A partir de algumas obras em prosa, foram apontados em Bukowski aspectos relacionados pela PDT ao sofrimento laboral, tais como: a confrontação da organização do trabalho; as afecções psicossomáticas; o alcoolismo; a depressão; o *burnout*; a retração social; a fadiga psíquica; a tendência ao suicídio; o esmorecimento do desejo; a angústia e o medo; o controle da subjetividade; o tédio; a regulação identitária; a desesperança e a imposição de uma rotina de fracassos; a alienação; o estremecimento das relações sociais e conjugais; a emergência de sentimentos de impotência, irritação e decepção; o acirramento da competitividade e da

concorrência, mesmo em detrimento da ética; a ruína da solidariedade; a solidão; a capacidade de infligir dor e injustiça a outros; a reprodução dos homens-máquina; a desvalorização da inteligência; a limitação da autonomia; e o surgimento de impulsos de morte e destruição.

Acredita-se que a obra de Bukowski constitua um veículo rico e envolvente para que estudantes de graduação e pós-graduação em ciências sociais aplicadas e ciências da saúde, bem como os pesquisadores do campo, tomem contato com alguns conceitos por meio dos quais a PDT aborda a temática do sofrimento humano no trabalho. Entretanto, como já se viu, a proposta aqui sugerida tem como principal limitação o fato de que as considerações aqui desenvolvidas enfocam a psicodinâmica do trabalho sob uma perspectiva exclusivamente teórica, quando em verdade a PDT é, simultaneamente, teoria e clínica (DEJOURS, 2012; MERLO; MENDES, 2009). Nesse sentido, à guisa de sugestões para novos esforços de pesquisa e reflexão, sugere-se utilizar obras literárias como fontes inspiradoras para que se possa encontrar, na prática, situações semelhantes que requeiram possibilidades de intervenção.

Ao longo de toda sua obra, Bukowski preconizou que a literatura deve ser elaborada a partir da realidade crua e, assim, sua poesia e sua prosa, bem como as palavras de outros escritores e as realizações de outros artistas, podem

provavelmente ser efetivas para sensibilizar estudantes e pesquisadores para situações práticas que possam vir a demandar sua intervenção. Como observa Merleau-Ponty (2004), alguns artistas elevam a sensação ao nível da consciência, inspirando novas verdades a partir de suas pesquisas acerca de como a experiência humana revela à consciência seu modo de perceber o mundo. Acredita-se que, assim como o pintor Paul Cézanne, a quem o filósofo dirigiu originalmente sua análise, o poeta Charles Bukowski seja um desses artistas.

Por fim, cabe notar que, para os pesquisadores em PDT, o labor não representa somente o sofrimento, podendo significar uma via para a realização do potencial humano. Para a PDT, a orientação que conduz a um trabalho saudável é aquela que respeita a identidade em construção, associada a uma organização que respeite os limites e os potenciais individuais, conduzindo o trabalhador à criatividade e ao comprometimento, enquanto realiza um trabalho de alta qualidade (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1993). O labor guarda o poder de revelar a subjetividade, ainda que tenha "também seu poder de destruir a subjetividade – uma vez que o trabalho seja desqualificado, desprovido de sentido, repetitivo e absurdo, como é possível se constatar no trabalho em linha de montagem" (Cardoso, 2001, p. 94). Como lembra Dejours (2004), trabalhar não significa somente sofrer ou produzir, representa também uma ocasião oferecida à subjetividade do trabalhador para se testar, para se transformar, e para se realizar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Teoria estética. Lisboa: Edições 70, 1998. 555 p.

ALDERSON, M. La psychodynamique du travail: objet, considérations épistémologiques, concepts et prémisses théoriques. Santé Mentale au Québec, Montréal, v. 29, n. 1, p. 243-260, 2004.

ALVES, L. Por uma teoria da administração que compartilhe a história da cultura brasileira. Revista da Faculdade de Administração e Economia, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 3-29, 2009.

ARANTES, P. *Sale boulot*: uma janela sobre o mais colossal trabalho sujo da história. Tempo Social, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 31-60, jun. 2011.

ARENDT, H. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 342 p.

ASSIS, D.; MACEDO, K. Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 117-124, jan./abr. 2008.

BAÊTA, A. Saramago no ensino e aprendizagem de metodologia da pesquisa. In: DAVEL, E., VERGARA, S.; GHADIRI, D. (Org.). Administração com arte: experiências vividas de vivência e aprendizagem. São Paulo, Atlas, 2007. p. 101-108.

BIDET, A. Le travail et l'économique, pour un regard anthropologique. Sociologie du Travail, Paris, v. 43, n. 2, p. 215-234, Feb. 2001.

BIGNA, D. Life on the margins: the autobiographical fiction of Charles Bukowski. 171 f. 2005. Dissertação (Master of Arts) – School of Humanities and Social Sciences, University of New South Wales at the Australian Defence Force Academy, Sydney, 2005.

BOUVET, C. Corps, psychose et travail. L'Évolution Psychiatrique, Nanterre, v. 70, n. 3, p. 545-555, jul./set. 2005.

BUKOWSKI, C. Pedacos de um caderno manchado de vinho. Porto Alegre: L&PM, 2010. 336 p.

BUKOWSKI, C. Factótum. Porto Alegre: L&PM, 2007a. 184 p.

BUKOWSKI, C. Fabulário geral do delírio cotidiano: ereções, ejaculações e exibicionismos – parte II. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007b. 288 p.

BUKOWSKI, C. Ao sul de lugar nenhum. Porto Alegre: L&PM, 2008. 240 p.

BUKOWSKI, C. Cartas na rua. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. 192 p.

BUKOWSKI, C. Notas de um velho safado. Porto Alegre: L&PM, 2000. 306 p.

CALONNE, D. Apresentação. In: BUKOWSKI, C. Pedacos de um caderno manchado de vinho. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 9-24.

CARDOSO, M. Christophe Dejours (entrevista). *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 22, p. 89-94, jul./dez. 2001

COHEN, C. How literature may be used to assist in the education of managers. *The Learning Organization*, Bingley, v. 5, n. 1, p. 6-14, 1998.

DAVEL, E.; VERGARA, S.; GHADIRI, D. Administração com arte: papel e impacto da arte no processo ensino-aprendizagem. In: DAVEL, E., VERGARA, S.; GHADIRI, D.

(Org.). Administração com arte: experiências vividas de vivência e aprendizagem. São Paulo, Atlas, 2007. p. 13-26.

DE COCK, C.; LAND, C. Organization/literature: exploring the seam. Organization Studies, London, v. 27, n. 4, p. 517-535, 2006.

DEJOURS, C. Trabalho vivo – sexualidade e trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2012. 440 p.

DEJOURS, C. Corps et psychanalyse. L'Information Psychiatrique, Nanterre, v. 85, n. 3, p. 227-234, Mar. 2009.

DEJOURS, C. Vulnérabilité psychopathologique et nouvelles formes d'organisation du travail (approche étiologique). L'Information Psychiatrique, Nanterre, v. 83, n. 4, p. 269-275, Avr. 2007.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. Produção, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

DEJOURS, C. A banalização da injustiça social. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 156 p.



DEJOURS, C. A loucura do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992. 168 p.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1993. p. 119-145.

DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 98-104, meio/jun. 1993.

EMMENDOERFER, M.; QUEIROZ, E.; BARBOSA, D.; OLIVEIRA, A. Estudos pluridisciplinares em administração: uma análise das contribuições da teoria do comércio de Fernando Pessoa para o ensino e a aprendizagem em marketing. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXII, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

FACCHINETTI, C. Maneiras de padecer, de fruir e (se) construir: sobre a psicodinâmica do trabalho e seu sujeito. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1120-1124, out./dez. 2009.



FAÏ, E. A critical and phenomenological genealogy of the question of the real in Western economics and management. *Society and Business Review*, Bingley, v. 2, n. 2, p. 193-203, 2007.

FERREIRA, R. Ficção literária no ensino e aprendizagem de gestão com pessoas. In: DAVEL, E., VERGARA, S.; GHADIRI, D. (Org.). *Administração com arte: experiências vividas de vivência e aprendizagem*. São Paulo, Atlas, 2007. p. 109-117.

FISCHER, T.; DAVEL, E.; VERGARA, S.; GHADIRI, D. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. 935-956, set./out. 2007.

FORD, H. *Os princípios da prosperidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1964. 486 p.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 264 p.

FRANCO, T. A centralidade do trabalho na visão da psicodinâmica de Dejours. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 41, p. 309-321, maio/ago. 2004.

FREITAS, J. Ensaio literários e a dimensão tácita do conhecimento nas organizações. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, IV, 2006. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ANPAD, 2006.

GOMIDE, A. Notas sobre suicídio no trabalho à luz da teoria crítica da sociedade. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 33, n. 2, p. 380-395, 2013.

GRISCI, C.; BESSI, V. Modos de trabalhar e de ser na reestruturação bancária. Sociologias, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 160-200, jul./dez. 2004.

GRISCI, C.; PIVETTA, A.; GOMES, S. Gênero, saúde e risco no cotidiano do trabalho. In: ZANELLA, A.; SIQUEIRA, M.; LHULLIER, L.; MOLON, S. (Org.). Psicologia e práticas sociais. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 347-366.

HALLACK, F.; SILVA, C. A reclamação nas organizações do trabalho: estratégia defensiva e evocação do sofrimento. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 67-72, set./dez. 2005.

HARRISON, R. Against the American dream. Santa Rosa: Black Sparrow Press, 1994. 323 p.

HELOANI, R. Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho. São Paulo: Atlas, 2003. 240 p.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. Produção, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 77-86, set./dez. 2004.

JABBOUR, C. HRM, ergonomics and work psychodynamics: a model and a research agenda. Humanomics, Bingley, v. 27, n. 1, p. 53-60, FEB. 2011.

JACQUES, N. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental e trabalho. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2003.

JAIME JR., P. Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 72-83, out./dez. 2007.

LALLEMENT, M. ; MARRY, C. ; LORIOU, M. ; MOLINIER, P. ; MARICHALER, P.; MARTIN, E. Maux du travail: dégradation, recomposition ou illusion? Sociologie du Travail, Paris, v. 53, n. 1, p. 3-36, Jan./Mar. 2011.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília/Rio de Janeiro: Paralelo 15/Fiocruz, 2004. 512 p.

LIMONGI-FRANÇA, A. Psicologia do trabalho. São Paulo: Saraiva, 2008. 320 p.

MARTINS, S. Contemporaneidade: uma psicopatia americana? Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 35-42, jan./mar. 2008.

MENDES, A. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. (Org.) Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 29-48.

MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 192 p.

MERLO, A.; MENDES, A. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MEYER, A.; GUIMARÃES, V. "Mais prazer ou mais sofrimento?" – um estudo com trabalhadores de uma agência bancária. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, IV, 2013, Brasília. Anais... Brasília: ANPAD, 2013.



MEZERAI, M.; DAHANE, A.; TACHON, J. Dépression dans le milieu du travail. La Presse Médicale, Utrecht, v. 35, n. 5, part 2, p. 823-830, Mai 2006.

MORGAN, G. Imagens da organização. São Paulo: Atlas, 1996. 421 p.

NASSIF, L. Origens e desenvolvimento da psicopatologia do trabalho na França (século XX): uma abordagem histórica. Memorandum, Belo Horizonte, v. 8, p. 79-87, abr. 2005.

NICOLAU, M. O pesadelo americano: Charles Bukowski e os limites do American dream. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12, 2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2006.

OLIVEIRA, F.; CRUZ, F. Revitalizando o processo ensino-aprendizagem em administração. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 5, numero especial, p. 1-13, jan. 2007.

PAIVA, K.; DUTRA, M.; BARROS, V.; SANTOS, A. Estresse ocupacional e *burnout* em jovens trabalhadores. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXVII, 2013, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.



PLAZA, J. Arte/ciência: uma consciência. ARS, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 37-47, 2003.

PORCHER, J. Bien-être et souffrance en élevage: conditions de vie au travail des personnes et des animaux. Sociologie du Travail, Paris, v. 45, n. 1, p. 27-43, Jan./Mar. 2003.

RAMOS, C. A dominação do corpo no mundo administrado: uma questão para a psicologia social. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 24, n. 1, p. 56-63, 2004.

REGO, A.; CUNHA, M.; WOOD JR., T. Kafka e o estranho mundo da burocracia. São Paulo: Atlas, 2010. 120 p.

RHODES, C. "A weariness beyond fatigue": testifying to organizational resistance in Charles Bukowski's *Factotum*. *Working Paper n. 2007/9*. Sydney: University of Technology Sydney, 2007. p. 1-15. (School of Management Working Paper Series)

ROSS, S. Introduction: working-class fictions. *Modern Fiction Studies*, Baltimore, v. 47, n. 1, p. 1-11, Spring 2001.

RUAS, R. Literatura, dramatização e formação gerencial: a apropriação de práticas teatrais ao desenvolvimento de competências gerenciais. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 12, n. 32, p. 121-142, jan./mar. 2005.

SCLIAR, M. Engajamento na literatura brasileira. *Revista Sinpro-Rio*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 10-14, 2009.

SICHERE, P. Douleur et travail: quid de la psychodynamique? Questions posées à Isabelle Gernet. *Douleurs: Évaluation, Diagnostic, Traitement*, Berlin, v. 11, n. 3, p. 135-140, 2010.

SOMMERMAN, A. Inter ou transdisciplinaridade: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006. 76 p.

SOUNES, H. Charles Bukowski: une vie de fou. Mônaco: Éditions du Rocher, 2008. 386 p.

TAVARES, R. Das ruas ao texto literário. *Revista Sinpro-Rio*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 16-21, 2009.

THOMPSON, J.; MCGIVERN, J. Parody, process and practice: perspectives for management education? *Management Learning*, London, v. 27, n. 1, p. 21-35, Mar. 1996.

TRAGTENBERG, M. *Planificação: desafio do século XX*. São Paulo: Senzala, 1967. 169 p.

VEZINA, M. La prévention des problèmes de santé psychologique liés au travail: nouveau défi pour la santé publique. *Santé Publique*, Liège, v. 20, n. 3, p. S121-S128, 2008.

Psicodinâmica do trabalho e sofrimento na literatura do "poeta proletário"

Resumo

Organizações têm sido representadas como locais propícios ao sofrimento, notadamente no que tange ao desenvolvimento de patologias físicas e mentais decorrentes de estruturas e processos de trabalho. Nesta pesquisa de cunho transdisciplinar, o sofrimento laboral é abordado por meio das contribuições legadas pela arte do escritor Charles Bukowski – celebrado pelos críticos como "o Poeta Proletário". O objetivo do texto é apresentar a obra literária de Charles Bukowski como recurso de pesquisa e reflexão para dar suporte à análise do sofrimento humano nas organizações, em consonância com a perspectiva da psicodinâmica do trabalho (PDT) desenvolvida por Christophe Dejours. Estabelecida como disciplina científica, a PDT tem por meta perscrutar a relação dicotômica entre o prazer e o sofrimento que emerge a partir do encontro entre um sujeito ávido por realização profissional com uma organização de trabalho em que a dor independe de sua vontade.

Palavras-chave

Psicodinâmica do trabalho. Sofrimento laboral. Transdisciplinaridade.

Work psychodynamics and suffering in the "proletarian poet" literature

Abstract

Organizations have been represented as propitious places for suffering, notably regarding the development of physical and mental disorders associated to structures and work processes. In this transdisciplinary research, labor suffering is discussed through the legacy contributions from the art of Charles Bukowski writer – known by the critics as the "Proletarian Poet". Our goal is to introduce Charles Bukowski's literary work as resource to research and reflection to support human suffering analysis in organizations, according psychodynamics of work approach, developed by Christophe Dejours. Established as scientific discipline, the work psychodynamics perspective has the objective of scanning dichotomous relationship between pleasure and suffering, which emerges from the encounter between a person who is greedy for professional achievements and an organization in which the pain is independent of its will.

Keywords

Psychodynamics approach of work. Labor suffering. Transdisciplinarity.

Psicodinâmica del trabajo y sufrimiento en la literatura del "poeta proletário"

Resumen

Organizaciones han sido representadas como lugares propicios al sufrimiento, sobretudo en relación al desarrollo de patologías físicas y mentales resultantes de estructuras y procesos de trabajo. En esta pesquisa de carácter transdisciplinar, el sufrimiento laboral es abordado por medio de las contribuciones dejadas por el arte del escritor Charles Bukowski – apodado por los críticos como el "poeta proletário". El objetivo del texto es presentar la obra literaria de Charles Bukowski como herramienta de pesquisa y reflexión para el análisis del sufrimiento humano en las organizaciones, bajo la perspectiva de la psicodinámica del trabajo (PDT), desarrollada por Christophe Dejours. Afincada como disciplina científica, la PDT tiene el reto de investigar la relación dicotómica entre el placer y el sufrimiento que emerge del encuentro entre un sujeto, en una creciente búsqueda por realización profesional, con una organización de trabajo, donde el dolor no depende de su voluntad.

Palabras clave

Psicodinámica del trabajo. Sufrimiento laboral. Transdisciplinaridad.

Autoria

José Luis Felicio Carvalho

Doutor em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor Associado da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: zkcarvalho@hotmail.com.

Marina Dias de Faria

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente do curso de Gestão Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marinafaria86@hotmail.com.

Alessandra de Sá Mello da Costa

Doutora em Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas. Professora do Instituto de Administração e Gerência da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: alessandra.costa@iag.puc-rio.br.

Sylvia Constant Vergara

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: sylvia.vergara@fgv.br.

Endereço completo para correspondência

José Luis Felício Carvalho. Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Pasteur, 250, Sala 239, Praia Vermelha, Rio de Janeiro, RJ, Brail. CEP: 22290-240. Telefone: (+55 21) 998627537.

Como citar esta contribuição

CARVALHO, J. L. F.; FARIAS, M. D.; COSTA, A. S. M.; VERGARA, S. C. Psicodinâmica do trabalho e sofrimento na literatura do "poeta proletário". Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 383-439, dez. 2014.

Contribuição Submetida em 1 jun. 2014. Aprovada em 24 jul. 2014. Publicada online em 9 out. 2014. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

